**A Luta feminista, sua evolução e conquistas até os dias atuais.**

Jackson Platiny Soares Leite

[jacksonplatiny@hotmail.com](mailto:jacksonplatiny@hotmail.com). Instituto Federal da Paraíba.

**Introdução ao Feminismo e Surgimento Histórico**

O Feminismo pode ser definido atualmente como um conjunto de ideologias, movimentos políticos, filosóficos e sociais, que tem como meta atingir direitos iguais, promover uma vivência humana por meio do empoderamento feminino e uma libertação dos padrões patriarcais existentes. Ele é um movimento que surgiu no século XIX e que pode ser dividido em três partes ao longo de sua história, assim como também possui diversas extensões filosóficas e sociais derivativas dele, que buscam atingir um público que não estava se sentindo bem englobado pela ideologia geral, como é o caso do Feminismo Negro, por exemplo. Tem sua origem sustentada principalmente na obra Uma Reinvidicação Pelos Direitos da Mulher*,* de Mary Wollstonecraft**,** escrita por volta do final do século XVIII, no qual ela apresenta seus argumentos de que as mulheres não são por natureza mais fracas e inferiores que os homens, mas sim que apenas parecem, devido ao fraco acesso à educação e escolaridade dado as mulheres naquele período, sugerindo que tanto os homens como as mulheres deveriam ser tratados como seres racionais, e no texto jurídico Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*,* de Olympe de Gouges, escrito também no final do século XVIII, e nesse texto ela exige status de completa assimilação jurídica, política e social das mulheres, ele foi um documento dirigido a Rainha e também o primeiro documento da Revolução Francesa a mencionar a igualdade jurídica e legal das mulheres, ele tinha como foco principal repensar a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que tinha seu foco voltado apenas aos homens daquela época, denunciando assim, que a Revolução havia esquecido as mulheres em seu projeto de liberdade e igualdade.

**Primeira Onda Feminista, inspirações e conquistas**

A 1ª Onda feminista, também conhecida como onda sufragista, ocorreu inicialmente principalmente nos Estados Unidos e Reino Unido e possuía foco na igualdade de direitos contratuais e de propriedade para todos os sexos, assim como também na oposição aos casamentos arranjados e da propriedade de mulheres casadas e seus filhos por seus maridos. Datado do final do século XIX e início do século XX, o movimento passou a tomar como foco a conquista de poder político para as mulheres, prioritariamente o direito ao sufrágio por parte das mulheres (daí o nome dado a esse período). Em 1918, um decreto chamado *Representation of the People Act of 1918,* foi aprovado e concedeu direito ao voto apenas para as mulheres acima de 30 anos que possuíssem uma ou mais casas, e com o passar do tempo, em 1928, esse direito foi estendido à todas as mulheres acima de vinte e um anos, trazendo assim a igualdade ao voto. Alguns líderes estadunidenses desse movimento foram Lucretia Mott, tida como a primeira mulher ativista estadunidense do século XVIII, Lucy Stone, que foi a primeira mulher de Massachusetts a se graduar pela *Oberlin College* (primeira instituição de ensino superior no país a aceitar mulheres e negros), Elizabeth Cady Stanton, presidente da *National Woman Suffrage Association* (Associação Nacional do Sufrágio da Mulher) entre 1892 e 1900, e por fim, Susan B. Anthony, também ativista dos direitos das mulheres ao voto. Essas mulheres não só contribuíram no tangente ao direito ao voto das mulheres, mas também tiveram bastante importância na luta pela abolição da escravidão. Todas essas líderes eram influenciadas pelo pensamento *Quaker,* cujas suas origens remontam a um movimento protestante britânico datado do século XVII. O término dessa primeira onda do feminismo nos Estados Unidos é dado de maneira didática como sendo o momento após a aprovação da Décima Nona Emenda à Constituição dos Estados Unidos no ano de 1919, que permitiu às mulheres o direito ao voto em todos os estados do País. Essa primeira onda é lembrada principalmente pela questão dos direitos ao voto, e não é muito abrangente a questões tais como aborto e questões relacionadas ao matrimonio, embora tenha sim existido autoras que abordassem essas questões, ainda que de maneira não tão aprofundadas ou até mesmo de maneiras contrárias aquilo, como na questão do aborto. Susan B. Anthony por exemplo, foi uma das autoras que trouxe discussões e publicações a cerca desses assuntos, focando principalmente em seu ponto de vista sobre o casamento, trazendo à tona discussões de que a mulher deveria ter o direito de negar-se a ter relações sexuais com seu marido, e consequentemente não sofrer estupro de seu próprio companheiro, coisa que até então não havia recursos legais para proteger a mulher de tal ato. Trouxe discussões iniciais sobre o direito ao próprio corpo, que de seu ponto de vista, era um elemento chave na prevenção de gravidezes indesejadas, o que está de certa forma ligado também a discussões sobre o aborto.

**Segunda Onda Feminista, inspirações e conquistas**

A 2ª Onda feminista, bastante conhecida pelo lema “o pessoal é político”, cunhado pela autora Carol Hanisch, ocorreu nos Estados Unidos e eventualmente foi se espalhando por todo o mundo ocidental e além. O movimento consistia de lutar pelas questões pouco trabalhadas anteriormente pela primeira onda feminista, ampliando o debate feminista para uma gigantesca gama de assuntos, tais como sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, entre outros. Seu início nos Estados Unidos é datado oficialmente da década de 1960, durando até a década de 1980, embora alguns historiadores digam que ele acontece até o presente, coexistindo com a terceira onda. Essa onda teve como principal inspiração para sua sustentação a obra O Segundo Sexo*,* da filósofa Simone de Beauvoir, que trouxe na obra reflexões baseadas na corrente filosófica existencialista, ligando-a assim a famosa conclusão, “Não se nasce mulher, torna-se”, assim como reflexões para muitas das questões do feminismo, expressando o sentimento de injustiça com a sociedade da época em impor a mulher como sendo inferior ao homem, dadas as suas condições naturais e possibilidade de engravidar, amamentar e menstruar. Ela também argumentava sobre a mistificação criada pelo homem em torno da mulher, fabricando assim essa diferenciação de a considerar o “Outro” da sociedade, explicitando também a existência de uma hierarquia social, voltada a elevação do homem em detrimento das mulheres, escancarando assim, o patriarcalismo na sociedade da época. O movimento é marcado principalmente pelos protestos e manifestações que ocorreram visando modificar e discutir assuntos como o papel associado a mulher de ser a dona de casa e mãe, desigualdades salariais no mercado de trabalho, criminalização do aborto e a violência doméstica e sexual. Embora Simone de Beauvoirseja considerada inspiração para a segunda onda feminista, foi a autora Betty Friedan em 1963, inspirada na obra de Simone, que ao escrever a obra A Mística Feminina, ficou considerada a mãe da segunda onda. A obra era baseada principalmente nas mulheres brancas da época, e criticava o padrão de vida transmitido naquele período, de que a mulher deveria ficar em casa cuidando de sua família e também argumentava sobre o quanto isso desperdiçou o potencial da mulher. Ela descreve na obra que isto é um “problema que não tem nome”, e que essa concepção desse núcleo familiar dado como perfeito naquela época não refletia verdadeiramente algo feliz para as mulheres, assim como também era bastante degradante para tal. Outro evento que fortificou o movimento na época foi a administração do então presidente americano, John F. Kennedy, que tornou os direitos das mulheres uma questão chave de seu governo, além de estabelecer uma comissão presidencial sobre o status da mulher, presidida por Eleanor Roosevelt, que publicou um relatório sobre desigualdade de gênero na época, revelando a existência de grande discriminação contra as mulheres no “*American way of life*”, o que somado ao livro de Friedan, levou a formação de grupos locais, estaduais e de organizações independentes, voltadas para a discussão desses assuntos e pautas. O movimento foi se fortificando mais ainda com o sucesso da *Civil Rights Act of 1964*, que pôs fim aos sistemas de segregação racial existentes nos Estados Unidos, assim como também a *Equal Pay Act of 1963*, que visou abolir a disparidade salarial baseado unicamente no sexo, e em 1966, Friedan juntamente com outras mulheres e homens, fundou a *National Organization for Women* (NOW), e foi nomeadaa primeira presidente dessa organização. Como visto anteriormente, a cultura popular da época era vista pelas feministas da segunda onda como sendo sexista, e em virtude disso, elas promoveram a criação de uma cultura diferente para contra argumentar isso, desenvolvendo maneiras de criar imagens positivas das mulheres, tentando quebrar a imagem dominante da cultura popular existente e despertar a consciência das mulheres e de suas opressões.

**Terceira Onda Feminista, inspirações e conquistas**

A 3ª Onda feminista, também chamada de onda *queer*, que é a teoria de onde ela toma bastante força (embora não seja sua única inspiração), teve seu começo datado do início da década de 1990 e se estendendo até os dias atuais, com suas diversas extensões. Essa onda surgiu para trabalhar em cima de questões que a segunda onda abordou de maneira falha, buscando reparar os erros trazidos por ela para algumas questões, como o fato de enfatizar excessivamente as experiências das mulheres brancas de classe média alta da época, o que acabava tirando de vista do movimento as mulheres que não se encaixavam nessa perspectiva e levavam outros estilos de vida. Pode-se dizer que o conceito chave para essa onda é deixar claro que as mulheres são de muitas cores, etnias, nacionalidades, religiões, e culturas, o que reforça a necessidade de trazer à tona as vivências femininas que não eram tão abordadas anteriormente, e é dessa necessidade que autoras e pensadoras como ‘bell hooks’, que teve uma grande contribuição com seus artigos e obras, que de maneira geral, apontam a forma como categorias sociais, biológicas e culturais, tais como raça, gênero, entre outras, são conectadas, ou melhor dizendo, se interseccionam, apontando nisso uma relação delas com sistemas de opressão, discriminação ou dominação, Audre Lorde, que foi uma ferrenha ativista e escritora negra que abordava questões ligadas principalmente ao racismo, sexualidade, opressão e direitos civis, principalmente sobre a sexualidade, pois devido ao seu trabalho estar conectado ao pensamento liberalista social, teve abordagens revolucionárias para a época sobre esse assunto, dentre outras, podem ser consideradas líderes dessa onda, ainda que algumas delas tenham suas raízes advindas da segunda onda. Outro expoente bastante importante para essa onda, como já citado anteriormente, é a teoria *queer,* que é uma teoria acerca do gênero, onde ela afirma que tanto a orientação sexual como a identidade sexual de um indivíduo são na verdade resultados de uma construção social daquele indivíduo, portanto, que não existem papéis sexuais “corretos” na natureza humana, mas sim diversas variantes que ajudem no desempenho de um ou mais papéis sexuais daquele indivíduo. Dois dos maiores nomes de teóricos que contribuíram para essa teoria são Judith Butler,que é uma filósofa americana que contribuiu em diversas áreas do conhecimento com suas obras, mas principalmente em questões tangentes ou diretas a teoria *queer*, questões como a despatologização de pessoas transgênero, ensino de gênero e homoparentabilidade, e Michel Foucault, que também foi um filósofo que contribuiu com suas ideias sobre a evolução da história da sexualidade. Dentro dessas inspirações, ressurge também um pensamento apontado durante a segunda onda, da ativista Sojourner Truth, que em seu célebre discurso *Ain’t I a Woman?* Trouxe a discussão sobre os “privilégios” que as mulheres brancas americanas tinham, de não exercer certas atividades remuneradas, em virtude do até então pensamento da época de que elas tinham uma certa inferioridade intelectual e física em comparação aos homens, apontando que essa mesma forma de pensar não se estendia para as mulheres negras, visto que durante a escravidão elas faziam trabalhos braçais, o que levanta o questionamento do porquê de uma mulher branca ser considerada fraca e levar uma vida mais “fácil”, e ela por não ser, ser vista no quesito do trabalho braçal tal qual um homem. Esse pensamento ajudou a originar o que pode ser nomeado como Feminismo Negro, que é justamente a busca de incluir e abordar na pauta feminista a visão e experiência de vida das mulheres negras, que não se viram muito bem representadas nas ondas anteriores. Em resumo, a terceira onda é voltada principalmente a teoria *queer* e a criação de correntes feministas voltadas para atender as lutas das mulheres não-brancas que careciam de representatividade e sentimento de pluralidade nas ondas anteriores.

**Conclusão e considerações finais**

Após análise de bibliografia pesquisada sobre o Feminismo, é possível notar que ele foi de suma importância para que a sociedade fosse perdendo aos poucos suas raízes patriarcalistas, ainda que ela exista nos dias atuais embora que bem mais enfraquecida que anteriormente, e nisso trazendo à tona o ser feminino e suas qualidades, a necessidade de que sua opinião e vivencia também fosse validada socialmente por ela própria e não sendo exclusivamente dependente do que homens escolhessem para elas, conquistando ao longo do tempo através dessa luta o direito ao voto, lutando pelo direito de trabalhar e receber salários iguais para o mesmo tanto trabalhado que um homem receberia em determinadas funções, discutindo questões de vivências e experiências distintas entre as próprias mulheres, trazendo representatividade, inclusão e voz para mulheres que mesmo após tanta luta, não se sentiam totalmente incluídas nesse movimento, discutindo e descontruindo tabus sociais, entre outras coisas. O movimento, ainda que vez ou outra seja alvo de pessoas de má índole, que tentem o desmerecer e o desqualificar, é claramente válido e necessário, sem ele muitas das coisas que atualmente ainda podem ser consideradas problemáticas e precisas de mudança estariam ainda mais desfavoráveis para as mulheres, o que mostra sua eficiência e positividade para o bem-estar social de todos.

**Referências**

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2019.

Estados Unidos. Constituição dos Estados Unidos: Artigo XIX, de 1920. Disponível em: <http://www.braziliantranslated.com/euacon01.html>. Acesso em: 26 mai. 2019.

Estados Unidos. Lei dos Direitos Civis, de 1964. Disponível em: <http://crdl.usg.edu/events/civil_rights_act_1964/?Welcome>. Acessado em: 29 mai. 2019.

Estados Unidos. Lei do Pagamento Igual, de 1963. Disponível em: <https://www.eeoc.gov/laws/statutes/epa.cfm>. Acessado em: 29 mai. 2019.

FRIEDAN, B. Mística Feminina: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1971. Disponível em: <https://catarinas.info/wp-content/uploads/2016/07/Mistica_feminina.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.

GOUGES, O. Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (tradução e apresentação por Selvino José Assmann). INTERthesis. v.4. n.1. Jan/Jun de 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/911/10852>. Acesso em: 26 mai. 2019.

LINS, B. A et al. Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. 1 ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

Reino Unido. Lei de Representação do povo, de 1918. Disponível em: <http://statutes.org.uk/site/the-statutes/twentieth-century/1918-7-8-george-5-c-64-representation-of-the-people-act/>. Acesso em: 26 mai. 2019.

SOJOURNER, T. *Ain’t I a Woman?* (Discurso). Ohio. Disponível em: <https://sourcebooks.fordham.edu/mod/sojtruth-woman.asp>. Acesso em: 01 jun. 2019.

WOLLSTONECRAFT, M. Reivindicação Dos Direitos Da Mulher. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.